

Ordenação de constituintes em sentenças interrogativas do português brasileiro: uma visão diacrônica

(Constituent ordering in Brazilian Portuguese interrogative sentences: a diachronic view)

Michel Gustavo Fontes¹

¹ Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – campus de São José do Rio Preto – Bolsista FAPESP (Proc. 2009/11676-0)

michelfontes2002@yahoo.com.br

Abstract: This paper aims to characterize the history of Brazilian Portuguese Content Interrogatives. The study and its analysis are based on Functional Discourse Grammar principles. Mainly, we turn our attention to the constituent ordering phenomenon in those structures, and try to determine the historical and pragmatic motivations involved in the interrogative constituent and subject dispositions. In order to do so, the data are composed of theater plays from 19th and 20th centuries.

Keywords: Constituent ordering; Pragmatic functions; Content interrogatives.

Resumo: Com base na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, este artigo objetiva caracterizar a história das Interrogativas de Conteúdo, ou Interrogativas-Qu, do português brasileiro. Especificamente, volta-se a atenção para o fenômeno de ordenação de constituintes nesse tipo de estrutura, buscando as motivações pragmáticas e históricas envolvidas na ordenação do constituinte interrogativo e do Sujeito. Para tanto, utilizam-se, como material de análise, peças de teatro representativas dos séculos XIX e XX.

Palavras-chave: Ordenação de constituintes; Funções pragmáticas; Interrogativas de Conteúdo.

Introdução

O objeto de estudo deste trabalho compõe-se a partir de dados de *Interrogativas de Conteúdo*, ou, como tradicionalmente são conhecidas, *Interrogativas-Qu*, distinguidas com base em seu traço formal — sentenças diretas que contêm um pronome ou advérbio interrogativo — e exemplificadas em (01) com dados do NURC.

- (01)
- a. **o que** a senhora gostaria de fazer? (SP-D2-360)
 - b. **que** é que um professor faz...? (SA-DID-231)
 - c. **qual** é o problema? (PA-EF-278)
 - d. **quem** é que vai comprar? (RJ-EF-379)
 - e. elas têm origem...**onde**? (SA-EF-049)
 - f. **quando** é que o aluno evidencia conhecimento? (PA-EF-278)
 - g. **quantos** o senhor deseja? (RE-EF-337)
 - h. **como** que nós chegamos a ela? (SP-EF-405)
 - i. nao poderia **por quê**? (RJ-EF-379)

Um dos focos de análise deste trabalho é o constituinte interrogativo, especificamente sua natureza pragmática e sua disposição linear na estrutura morfossintática. Tal constituinte pode situar-se (i) na margem esquerda da oração interrogativa, ocupando a posição inicial (cf. (02)), ou (ii) na margem direita da oração interrogativa, ocupando a posição final (cf. (03)).

(02) o **que** significa isso? (REC-EF-337)

(03) ele também pode fazer o **quê**? (SA-DID-231)

Além disso, merece atenção a natureza do sujeito nas Interrogativas de Conteúdo e a sua disposição em relação ao verbo, uma vez que pode (i) anteceder o verbo, ocupando o campo inicial da oração junto ao constituinte interrogativo (cf. (04)) ou (ii) pospor o verbo, ocupando o campo final da oração (cf. (05)).

(04) o que **a senhora** gostaria de fazer? (SP-D2-360)

(05) o que significa **isso**? (REC-EF-337)

Objetiva-se, neste trabalho, verificar como se processam as Interrogativas de Conteúdo na história do português brasileiro (doravante PB), procurando, com base na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), conforme concebida por Hengeveld e Mackenzie (2008), caracterizar os condicionamentos discursivo-pragmáticos da dupla ordenação assumida por esses dois constituintes nas Interrogativas de Conteúdo: (i) do constituinte interrogativo e (ii) do sujeito.

Ao adotar uma abordagem diacrônica, deseja-se (i) mostrar como os diferentes padrões de estruturação das Interrogativas de Conteúdo se implementaram ao longo da história do PB e, além disso, (ii) recuperar as mudanças que atingiram tal fenômeno, como a implementação da ordem SV e da posição final do constituinte interrogativo. Para tanto, tal análise se desenvolve com base em peças de teatro de escritores brasileiros dos séculos XIX e XX, as quais estão dispostas na Figura 01 abaixo.

SÉCULO XIX				SÉCULO XX			
I metade		II metade		I metade		II metade	
1838	1844	1890	1892	1932	1954	1960	1966
<i>O juiz de paz na roça</i>	<i>Judas no sábado de aleluia</i>	<i>Viagem ao Parnaso</i>	<i>O Tribofo</i>	<i>Deus lhe pague</i>	<i>Figueira do Inferno</i>	<i>A invasão</i>	<i>O santo inquerito</i>
(19TMPa)	(19TMPb)	(19TAAa)	(19TAAb)	(20TJCa)	(20TJCb)	(20TDGa)	(20TDGb)
Martins Pena		Artur Azevedo		Joracy Camargo		Dias Gomes	

Figura 01: Peças de teatro selecionadas e períodos de análise

Em relação ao objeto de estudo deste trabalho, com a intenção de alcançar os objetivos acima traçados, foram necessários alguns recortes, como a exclusão de (i) casos como (06) abaixo, em que o constituinte interrogativo ou é parte de um sintagma interrogativo mais complexo (cf. (06a)), ou é um adjetivo interrogativo (cf. (06b)) e, dessa forma, submete-se aos padrões de ordenação sintagmática; (ii) casos como (07) abaixo, em que o constituinte interrogativo, apesar de estar no início do período, pertence à oração subordinada; e, por fim, (iii) casos como (08), que representam interrogativas indiretas.

- (06) a. é uma transferência **a partir de quê?** (PA-EF-278)
 b. **em que ocasiões** você costuma visitar seus amigos? (PA-DID-45)
- (07) **quem** a senhora acha que é responsável pra.:por um bom sucesso de um filme? (SP-DID-234)
- (08) ele pode simplesmente me dizer **o que foi que o conferencista disse** (PA-EF-278)

Este estudo, dessa forma, concentra-se nos casos de Interrogativas de Conteúdo diretas, que configuram períodos absolutos, cujo constituinte interrogativo atua na camada da oração, isto é, não faz parte de sintagmas interrogativos complexos e nem funciona como um adjetivo interrogativo.

Este trabalho se divide da seguinte maneira: (i) primeiramente, apresentam-se os pressupostos teóricos que subjazem o estudo e a pesquisa aqui apresentados; (ii) caracteriza-se, então, a natureza pragmática do constituinte interrogativo e do sujeito e sua influência sobre a disposição oracional desses constituintes, e, por fim, (iii) traçamos o perfil diacrônico desse fenômeno no PB. Para finalizar, apresentam-se algumas considerações finais.

Fundamentos teóricos e metodológicos

A Gramática Discursivo-Funcional

Proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é o componente gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal, que interage com componentes não-linguísticos do processo de interação verbal. Concebida segundo os princípios de uma perspectiva funcional da linguagem, a GDF objetiva descrever e explicar as línguas naturais de uma forma pragmática e psicologicamente adequada, isto é, pretende estudar o grau em que uma descrição linguística é relevante para explicar o uso da língua e compatível com o conhecimento sobre o processamento mental envolvido na interpretação e na produção das expressões linguísticas. Em síntese, tal modelo captura as propriedades formais das unidades linguísticas e as descreve em termos da intenção comunicativa com que são produzidas.

Sem desconsiderar a Gramática Funcional de Dik (1997a; 1997b), a GDF provoca mudanças significativas na determinação das unidades de análises linguísticas, já que propõe a expansão de uma gramática da sentença para uma gramática do discurso. Para tanto, tal modelo gramatical apresenta as seguintes propriedades:

- (a) opera de cima para baixo (organização *top-down*): as intenções comunicativas de um falante são processadas em direção descendente até chegar à articulação;
- (b) tem como unidade básica de análise os atos discursivos;
- (c) liga-se a um componente conceitual, contextual e um de produção;
- (d) distingue dois processos fundamentais envolvidos na produção linguística: (i) *formulação*, que converte a intenção comunicativa e sua representação mental em representações interpessoais e representacionais, e (ii) *codificação*, que transporta as representações interpessoais e representacionais para os níveis morfossintático e fonológico de forma a dar a elas uma expressão linguística;

- (e) introduz quatro níveis de análise independentes e organizados hierarquicamente: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Tais níveis, nessa ordem hierárquica, são interatuantes na organização do modelo da GDF, conforme se observa na Figura 02 abaixo.

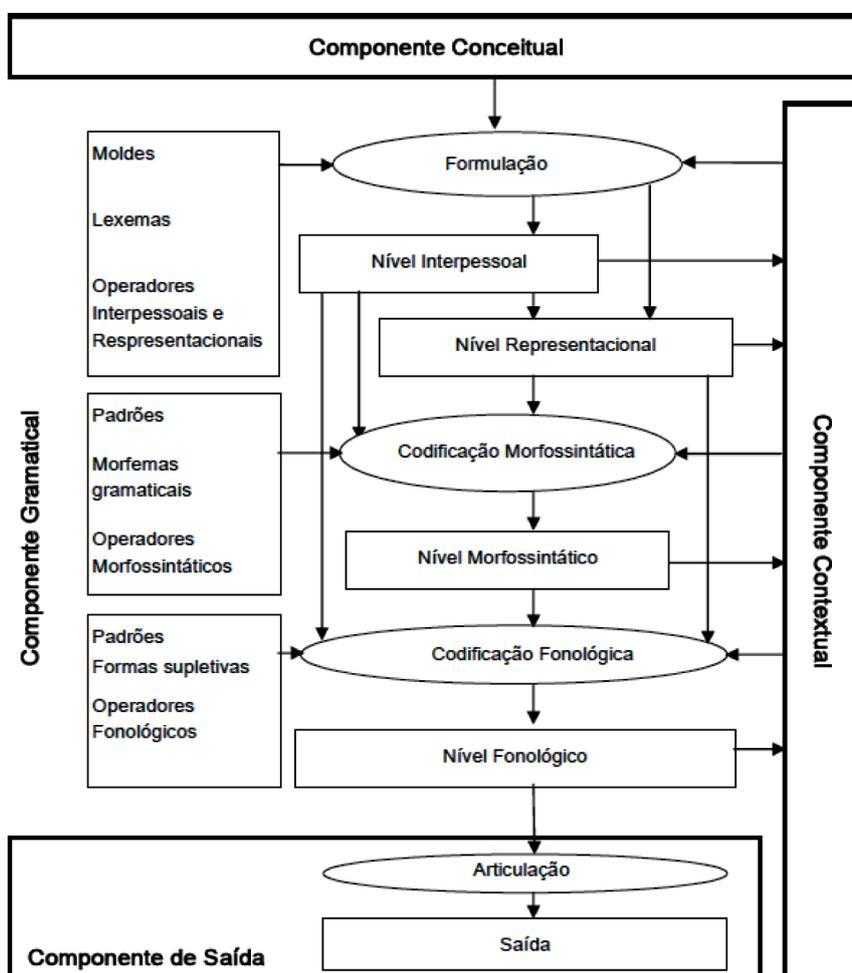


Figura 02: Layout geral da GDF

No processo de formulação, atuam os níveis Interpessoal e Representacional. No Nível Interpessoal, todas as unidades relevantes do comportamento comunicativo são formalizadas em termos de sua função comunicativa. Com base na formalização em (09), observa-se que a unidade de análise hierarquicamente mais alta nesse nível é o *Movimento* (M), que pode conter um ou mais Atos Discursivos (A). Um Ato Discursivo consiste em uma Ilocução (F), um ou mais Participantes do ato de fala (P) e o Conteúdo Comunicado (C) apresentado pelo falante. O Conteúdo Comunicado, por sua vez, pode conter um número variável de Subatos Atributivos (T) e Subatos Referenciais (R).

$$(09) \quad (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{\{\Phi_1\}} \dots (T_{1+N})_{\{\Phi_1\}} (R_1)_{\{\Phi_1\}}] (C_1)_{\{\Phi_1\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{\Phi_1\}}] (M_1))$$

Já no Nível Representacional, descrevem-se as unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica. Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Representacional lida com a denotação. As camadas desse nível, disponíveis numa representação formalizada e hierarquicamente organizada em (10), são definidas em termos das categorias semânticas que elas designam: Conteúdos Proposicionais (p), as unidades mais altas do Nível Re-

sentacional, são construtos mentais, que podem conter um ou mais Episódios (Ep), que são conjuntos de estados-de-coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam unidade ou continuidade de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduos (x); já Estados-de-coisas (e) incluem eventos e estados que são caracterizados pela possibilidade de serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto factual. Um estado-de-coisas se caracteriza por uma Propriedade Configuracional (f), que tem natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si, como Indivíduo (x), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Qualidade (q).

$$(10) \quad (p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1: [(f_2^n(x_1)_\Phi \dots (x_{1+n})_\Phi](f_1)) \dots (f_{1+n})(e_1)_\Phi]) \dots (e_{1+n})_{\{\Phi_1\}}](ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{\{\Phi_1\}}](p_1))$$

Na operação de codificação, atuam os níveis Morfossintático e Fonológico. O Nível Morfossintático trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Em vista dessa função, muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios de ordenação são motivados por iconicidade, integridade de domínio e pela preservação de relações de escopo. Entretanto, deve-se levar em conta que esse nível tem seus próprios princípios de organização, que podem não ser funcionalmente motivados. Conforme a representação em (11), a camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística (EL), ou seja, qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática; se houver mais de uma unidade dentro da EL, elas terão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam para formar a EL são: Orações (Cl), Sintagmas (Xp) ou Palavras (Xw).

$$(11) \quad (EL_1: [Cl_1: [(Xw) (Xp_1: [(Xw) (Xp_2) (Cl_2)] (Xp_1)) (Cl_3)] (Cl_1)]) (EL_1))$$

O Nível Fonológico, por fim, é responsável pelos aspectos de codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* – alguns já na forma fonêmica – dos outros três níveis e provê o *input* para o Componente de Saída. Enquanto este último lida com questões relacionadas a frequência, intensidade, duração, o Nível Fonológico – sendo gramatical – é ‘digital’, e contém representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias.

A ordenação de constituintes segundo a GDF

Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram a ordem linear dos elementos dentro da oração sob duas diferentes perspectivas: a organização hierárquica (ordenação de constituintes não-configuracionais, ou seja, opcionais) e a organização não-hierárquica (ordenação de constituintes configuracionais, ou seja, argumentais) de elementos. Além disso, dada a sistemática organização *top-down* da gramática, a ordenação de elementos começa com a expressão morfossintática das partes hierarquicamente organizadas nos níveis Interpessoal e Representacional, iniciando pelas camadas mais altas, passando pelas mais baixas até chegar ao conteúdo e esquemas de predicação. O Nível Morfossintático contém os *templates* de esquemas hierárquicos e não-hierárquicos. Posições obrigatórias nos *templates* para as quais não há material disponível serão preenchidas com elementos vazios (*dummies*).

Ao iniciar o processo de ordenação de constituintes em suas posições adequadas, três posições absolutas estão disponíveis dentro da oração: a posição inicial (P^I), a posição medial (P^M) e a posição final (P^F), sendo as posições periféricas (P^I e P^F) psicologicamente

salientes.

Outras posições podem ser definidas relativamente a essas três posições absolutas, ou seja, as línguas podem fazer uso da posição inicial (P^I) e suas expansões para a direita (P^{I+1} , P^{I+n}), da posição final (P^F) e suas expansões para a esquerda (P^{F-1} , P^{F-n}) e da posição medial (P^M) e suas expansões para a direita (P^{M+1} , P^{M+n}), para a esquerda (P^{M-1} , P^{M-n}) ou para ambas as direções (P^{M-N} ; P^{M-1} ; P^M ; P^{M+1} ; P^{M+N}).

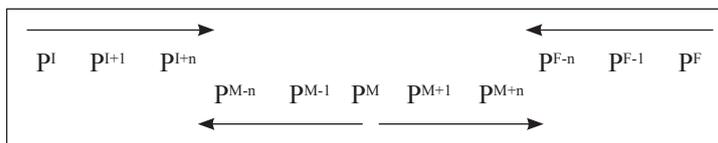


Figura 03: Posições absolutas e relativas da oração

Sob o domínio da ordenação hierárquica, os constituintes, no caso, modificadores, operadores e funções devem ser posicionados centripetamente, isto é, começando pelas margens da oração e dirigindo-se para o centro. Modificadores do Nível Interpessoal preferem, quando não estiverem já preenchidas, as posições extraoracionais. Já os modificadores do Nível Representacional preferem se posicionar junto à Oração, começando pelas margens esquerda e direita e preenchendo, primeiramente, as posições absolutas para, depois de preenchidas, criar as posições relativas. Já sob o domínio da ordenação configuracional (ou não-hierárquica), os constituintes oracionais são posicionados centrifugamente, iniciando pelo predicado e dirigindo-se para as margens. Na Figura 04 abaixo, podemos observar essa nítida separação entre **ordenação hierárquica** e **ordenação configuracional** que atuam no processo de ordenação de constituintes:

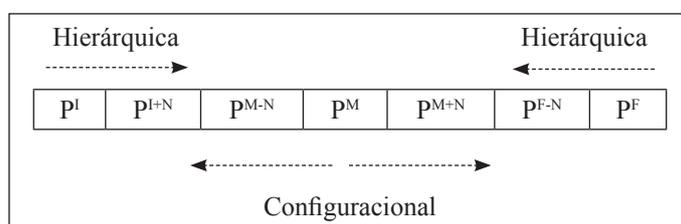


Figura 04: Ordenação de constituintes em português

Vários fatores podem interferir na determinação da ordenação de constituintes: fatores relativos às funções pragmáticas e à referenciação associam-se ao Nível Interpessoal; os relacionados às funções semânticas e à designação, ao Representacional; e os relacionados às funções sintáticas e à complexidade estrutural do item linguístico, ao Morfossintático.

Ordenação do constituinte interrogativo nas sentenças interrogativas do PB

No Nível Interpessoal, o constituinte interrogativo representa um Subato Referencial a que se pode atribuir três diferentes combinações do operador de identificabilidade: (i) (+id, -s) para as perguntas típicas (cf. (12)); (ii) (-id, +s) para as perguntas retóricas (cf. (13)) e (iii) (-id, -s) para as perguntas meditativas (cf. (14)).

- (12) Manuel João - Adeus, rapariga. **Aonde** está tua mãe?
Aninha - Está lá dentro preparando a jacuba. (19TMPa)

- (13) MÜLLER - Está mais que evidente. **Que mandava nas cidades?** A CGT, Comando Geral dos Trabalhadores. **Quem mandava no campo?** As Ligas Camponesas. O Exército estava minado pelos sargentos e a Marinha pelos marinheiros. Não havia mais hierarquia, o terreno estava preparado para que os comunistas fizessem daqui uma nova Rússia. (20TDGc)
- (14) CONCEIÇÃO – E será, mesmo, incurável? (*Plácido balança a cabeça, afirmativamente*) – **E como poderei ser mãe?** (20TJCb)

A GDF distingue dois aspectos da identificabilidade: (i) o primeiro relaciona-se com a concepção do Falante a respeito da identificabilidade do referente para o Ouvinte, o que gera os operadores {+id, -id} para identificável e não-identificável; (ii) o segundo relaciona-se à indicação dada pelo Falante a respeito da identificabilidade do referente para si próprio, o que gera os operadores {+s, -s} para específico e não-específico.

Em (12), o Falante, ao assumir o desconhecimento sobre uma informação (-s), assinala seu desejo de que o Ouvinte, quem, para ele, detém tal informação ausente (+id), forneça-a. Ao constituinte interrogativo é atribuído, então, o operador (+id, -s), já que se trata de um Subato, na visão do Falante, identificável para o Ouvinte, mas não específico para o próprio Falante. A esse tipo de pergunta, que funciona como um pedido de informação, denomina-se **pergunta típica**.

Já em (13), o Falante assume que a informação sob interrogação faz parte de sua informação pragmática, ou seja, é específica (+s) para si mesmo, porém não está disponível para seu Ouvinte, ou seja, não é identificável (-id) para o Ouvinte, o que gera o operador (-id, +s). Esse tipo de pergunta funciona como uma estratégia argumentativa do Falante para ativar ou acrescentar um determinado conhecimento na informação pragmática do Ouvinte, de forma a enfatizar ou destacar tal informação nova. A esse tipo de pergunta, que funciona na marcação de relevo positivo (cf. TRAVAGLIA, 2006), denomina-se **pergunta retórica**.

Por fim, em (14), a informação sob interrogação está ausente para ambos os participantes da interação, Falante e Ouvinte, ou seja, é não específica e não identificável, o que gera o operador (-id, -s R). Esse tipo de pergunta funciona como uma tentativa de o Falante expor suas dúvidas e/ou inquietações, colocando o Ouvinte no papel de testemunha, o que se denomina, aqui, **pergunta meditativa**.

Partindo das considerações de Chafe (1976) e considerando como nova a porção informacional que representa a diferença entre o estado mental do Falante e do Ouvinte, enquanto o ponto comum entre o estado mental dos dois participantes representa a informação dada, essas diferentes configurações do operador de identificabilidade revelam que o constituinte interrogativo abriga, essencialmente, **informação nova**.

Além disso, segundo Hannay (1983), o constituinte interrogativo, ao sinalizar a diferença entre a informação pragmática do Falante e do Ouvinte, consiste na informação mais importante no dado contexto comunicativo e, dessa forma, conforme assumem Pezatti e Fontes (2011), veicula a **função pragmática de Foco**, definida por Hengeveld e Mackenzie (2008) como a seleção estratégica do Falante de informação nova, isto é, na Expressão Linguística, o Falante se utiliza de algum mecanismo morfossintático para destacar a informação nova relevante para aquele contexto.

Como fica claro na definição acima trazida, a atribuição da função pragmática de Foco ao Subato interrogativo requer, no Nível Morfossintático, a mobilização de mecanismos

especiais de expressão; no caso do constituinte interrogativo, o mecanismo mobilizado é a ordenação. Os constituintes interrogativos, devido à sua natureza focal, podem, então, ocupar ou o campo inicial da oração, especificamente a posição P^I (cf. (15)), ou o campo final da oração, especificamente a posição P^F (cf. (16)).

(15) e **o que** a senhora considera uma boa peça teatral? (SP-DID-234)

	P ^{pré}	P ^I	P ^{I+1}	P ^M	P ^{M+1}
(15a)	e	o que	a senhora	considera	uma boa peça teatral

(16) ele também pode fazer **o quê?** (SA-DID-231)

	P ^I	P ^{M-1}	P ^M	P ^F
(16a)	ele	também	pode fazer	o quê

Há, portanto, um único princípio, a atribuição da função pragmática de Foco, governando o posicionamento do constituinte interrogativo. Entretanto, mesmo visualizando um princípio comum que governa as duas ordenações, acredita-se que uma estrutura interrogativa com o constituinte interrogativo em posição final apresenta alguma propriedade pragmática capaz de distingui-la de uma estrutura interrogativa com o constituinte interrogativo em posição inicial. Outro ponto defendido por este trabalho é que a possibilidade de se dispor o constituinte interrogativo em posição final é fruto de um processo histórico de mudanças no sistema linguístico, ou melhor, as interrogativas com o constituinte interrogativo em posição final originam-se, historicamente, a partir de mudanças que atingem a estrutura das interrogativas com o constituinte interrogativo em posição inicial, nomeadamente (i) a mudança da ordem VS para a SV, que também atinge as sentenças declarativas (cf. BERLINCK, 1989; PEZATTI; CAMACHO, 1997), e (ii) o surgimento do expletivo “é que”, que, como afirma Longhin (1999), faz parte do sistema da língua portuguesa já no século XVII e XVIII.

O posicionamento do constituinte interrogativo na margem direita, especificamente em P^F ou em suas expansões à esquerda da oração (P^{F-1}, P^{F-n}), está relacionado à atribuição de duas propriedades pragmáticas no Nível Interpessoal: a função pragmática de Foco, o que licencia sua posição no campo final da oração, e o operador de ênfase na camada do Subato Referencial interrogativo, codificado por um acento tônico no Nível Fonológico.

A ênfase aplicada ao Subato Referencial é uma estratégia de que se vale o Falante para direcionar a atenção de seu Ouvinte à informação que deseja destacar naquele dado momento da interação. A estrutura interrogativa com constituinte interrogativo em posição final parece contrariar a regra de colocação de elementos focais em posição inicial, o que dá um efeito de estranhamento para a estrutura. Dik (1997b) afirma que essas estruturas são mais difíceis de se processar, e, dessa forma, no aqui e agora da interação, chamam mais a atenção do Ouvinte. Dessa forma, defende-se, junto a Pezatti e Fontes (2011), que as interrogativas com o constituinte interrogativo em posição final, além de focais, são estruturas enfáticas.

Essa tonicidade, que representa formalmente, no Nível Fonológico, o operador de ênfase atribuído ao constituinte interrogativo quando em posição final, é evidenciada por dois fatos levantados com base nos dados fornecidos pelo *corpus* de análise.

Primeiramente, se se focalizam os dados de interrogativas com constituintes

interrogativos argumentais, na função de sujeito ou objeto direto, posicionados no campo inicial da oração, especificamente em P^I, nota-se que esse constituinte pode ser codificado pelos pronomes *que* ou *o que*, conforme demonstram (17) e (18) abaixo:

(17) mas o que podem pensar? (20TDGb)

	P ^{pré}	P ^I	P ^M
(17a)	mas	o que	podem pensar

(18) mas que importa? (20TDGa)

	P ^{pré}	P ^I	P ^M
(18a)	mas	que	Importa

Em (17) e (18), os dois constituintes interrogativos designam a mesma categoria semântica, a de Indivíduo, ambos são argumentos Inativos da propriedade configuracional, especificamente de uma propriedade de dois lugares, e aos dois se atribui a função pragmática de Foco. Entretanto, percebe-se que, na posição inicial, tal constituinte pode ser codificado pelos pronomes *o que* ou *que*, o que mostra a possibilidade de redução fonética do constituinte interrogativo. Em (17), além da função pragmática de Foco, o que posiciona o constituinte em P^I, é atribuído ao constituinte interrogativo o operador de Ênfase, codificado, no Nível Fonológico, por meio de um acento tônico. Já em (18), ao constituinte interrogativo é aplicado somente a função de Foco, o que o posiciona em P^I e, no Nível Fonológico, não recebe acento tônico.

Um segundo fato é que, em todas as estruturas interrogativas com o constituinte interrogativo em posição final coletadas, e sendo esse constituinte interrogativo um argumento do verbo, como (19) abaixo, o pronome interrogativo utilizado é *o quê*. Tal fato se evidencia inclusive nos exemplos de língua falada, de onde provém o exemplo em (20), retirado de um dos inquéritos do NURC. A presença do artigo antes do pronome interrogativo mostra que a este é aplicada uma tonicidade não existente em pronomes como *que*, por exemplo. Nas Interrogativas de Conteúdo, o pronome *o quê* pode ocupar tanto a posição inicial como a final e, em ambas as posições, ele apresenta uma leitura focal, o que se manifesta pelo seu posicionamento ou em P^I ou em P^F, e enfática, caracterizada pela tonicidade do pronome interrogativo.

(19) Ernestina. - Oh! foi um sonho que passou! Hoje só vivo de ti, por ti e para ti! A propósito: vamos à Rua do Ouvidor?

Eusébio. - **Fazê o quê?** (19TAAa)

	P ^M	P ^F
(19a)	fazer	o quê

(20) Dentre os elementos encontrados no mediastino anterior...então...para adiante...aquele plano por dian/ ...passado por diante da traquéia...e sua bifurcação...para trás...**nós vamos encontrar o que?**...nós vamos encontrar a coluna dorsal...para os lados... (SSA-EF-049)

	P ^I	P ^M	P ^F
(20a)	nós	vamos encontrar	o quê

Esse fato dá evidências de que, na posição final, os constituintes interrogativos não

podem sofrer redução fonológica. Sentenças como (19) e (20) acima não seriam realizadas no PB com o pronome *que*. Suas versões com o constituinte interrogativo reduzido fonologicamente não parecem ser naturais para o PB.

(19a) *Fazê quê?

(20a) *nós vamos encontrar que?

Este trabalho defende, portanto, que há um condicionamento discursivo-pragmático por trás da ordenação do constituinte interrogativo: a atribuição da função pragmática Foco faz com que, na estrutura oracional, esse constituinte ocupe ou o campo inicial, especificamente P^I, ou o campo final, especificamente P^F ou suas expansões à esquerda (P^{F-1}, P^{F-n}). Além disso, uma segunda estratégia pragmática está envolvida na linearização desse constituinte na oração interrogativa: a aplicação do operador de Ênfase codificada pelo acento tônico no Nível Fonológico.

Dessa forma, acerca da ordenação do constituinte interrogativo, pode-se chegar a três padrões que caracterizam o PB:

	Posição	Tipo de pronome/proadvérbio	Função discursiva
(i)	P ^I	que, quem, qual, onde, quando, como, quanto, por que	Foco
(ii)	P ^I	o que	Foco + Ênfase
(iii)	P ^F	o que, quem, onde, quando, como, quanto, por que	Foco + Ênfase

Figura 05: Padrões de ordenação do constituinte interrogativo

Ordenação do sujeito nas sentenças interrogativas do PB

Nas Interrogativas de Conteúdo, quando presentes, os Sujeitos constituem expressões referenciais, ou seja, aludem a alguma entidade presente na situação comunicativa (dêixis) ou no próprio texto (foricidade). Dessa forma, os Sujeitos, nas sentenças interrogativas, manifestam-se como expressões dêiticas (cf. (21) ou fôricas, geralmente anafóricas (cf. (22)).

(21) Maria Rosa - Estou moída! Já mexi dous alqueires de farinha.

Aninha - Minha mãe, aqui está o café.

Maria Rosa - Bota aí. **Aonde estará aquele maldito negro?** (19TMPa)

	P ^I	P ^M	P ^F
(21a)	aonde	estará	aquele maldito negro

(22) O soldado. - Deixe-me! Quero pegá-lo!

Tribofê. - Basta o seu companheiro. **Que fez ele?**

O soldado. - Falsificou nicolaus de duzentos réis. (*Sai apitando.*) Pega! (19TAAa)

	P ^I	P ^M	P ^F
(22a)	que	fez	ele

O Sujeito, um Subato Referencial, em Interrogativas de Conteúdo, é, portanto, o responsável por assinalar como o Conteúdo Comunicado da interrogativa se relaciona com o registro gradualmente construído no Componente Contextual, ou melhor, é ele que

relaciona a totalidade do que o Falante deseja evocar na interação ao contexto linguístico (ou co-texto), assinalando sua funcionalidade fórica, e extralinguístico, assinalando sua funcionalidade dêitica. Além disso, o Sujeito é sempre determinado e definido, o que implica sua referência a uma entidade já disponível tanto na informação pragmática do Falante, como na do Ouvinte, ou seja, corresponde ao ponto comum entre a informação pragmática do Falante e do Ouvinte, o que se marca pelo operador (+id, +s) aplicada ao Subato Sujeito. Portanto, por tratar-se de uma informação dada, o Sujeito carrega a função pragmática de Tópico, conforme definem Hengeveld e Mackenzie (2008).

Dessa forma, devido a sua natureza pragmática saliente, ou melhor, a sua natureza tópica, o Sujeito posiciona-se ou no campo final da oração (cf. (22)), especificamente em P^F ou em suas expansões à esquerda (P^{F-1}, P^{F-n}), ou no campo inicial da oração (cf. (23)), especificamente nas expansões à direita de P^I, como P^{I+1}, já que, como carrega a função de Foco, o constituinte interrogativo já se posiciona em P^I.

- (23) Tribofe. - **Que faria ele?** (Segura um dos soldados.) Ó camarada! (19TAAa)

	P ^I	P ^M	P ^F
(23a)	que	faria	ele

- (24) **Onde ele foi?** (20TDGa)

	P ^I	P ^{I+1}	P ^M
(24a)	onde	ele	foi

É interessante notar que, em Interrogativas de Conteúdo com o constituinte interrogativo em posição final, o Sujeito, quando expresso, sempre se posiciona no campo inicial da oração (cf. (25)), o que servirá como ponto favorável à proposta de mudança linguística do PB defendida neste trabalho.

- (25) **a senhora vai para onde?** faz o quê? (SP-DID-234)

	P ^I	P ^M	P ^F
(25a)	a senhora	vai	para onde

Partindo das considerações acima traçadas sobre a ordenação do sujeito em Interrogativas de Conteúdo, e cruzando com o padrão de ordenação de constituintes interrogativos, obtêm-se três padrões de estruturação das Interrogativas:

(i)	Constituinte interrogativo	Sujeito
	Foco	Tópico
	P ^I	P ^F
(ii)	Constituinte interrogativo	Sujeito
	Foco	Tópico
	P ^I	P ^{I+1}
(iii)	Sujeito	Constituinte interrogativo
	Tópico	Foco
	P ^I	P ^F

Figura 06: Padrões de ordenação de constituintes em Interrogativas de Conteúdo

Ordenação de constituintes em interrogativas de conteúdo na história do PB

Ao longo da história do PB, três fenômenos inovadores atingem a estrutura das Interrogativas de Conteúdo: (i) a possibilidade de posicionar o constituinte interrogativo no campo final da oração, (ii) a possibilidade de clivar o constituinte interrogativo posicionado no campo inicial da oração por meio dos expletivos *é que* e *que*, e, por fim, (iii) a mudança na ordem do sujeito em relação ao verbo, isto é, o sujeito, gradativamente, deixa de pospor-se ao verbo e, assim, de ocupar a posição final da oração interrogativa para antepor-se a ele e, assim, ocupar o campo inicial da oração. Neste trabalho, focam-se somente as mudanças descritas em (i) e (iii).

Na primeira metade do século XIX, os dados de peça de teatro evidenciam que a ordem do constituinte interrogativo era preferencialmente inicial (cf. (26)) e que o sujeito, quando expresso, ocupava, preferencialmente, a posição pós-verbal (cf. (27)).

(26) Então **o que** fez do dinheiro? (19TMPa)

	P ^{pré}	P ^I	P ^M	P ^{M+1}
(26a)	então	o que	fez	do dinheiro

(27) **Donde** está **a chave**? (19TMPa)

	P ^I	P ^M	P ^F
(27a)	donde	está	a chave

Portanto, a tendência, no PB da primeira metade do século XIX é a de posicionar o constituinte interrogativo focal em P^I e, quando expresso, o Sujeito tópico em P^F. O posicionamento do Sujeito em P^F, quando o constituinte interrogativo já está em P^I, manifesta uma estratégia em equilibrar a oração em relação aos constituintes marcados pragmaticamente, ou melhor, com um estatuto pragmático saliente: em vez de concentrá-los em uma única margem da oração (esquerda ou direita), pesando, dessa forma, uma das periferias oracionais, tende-se a manter um equilíbrio em termos informacionais – Foco em P^I, Tópico em P^F.

Entretanto, nesse mesmo período, evidenciam-se alterações nesses padrões ao apontar um caso de interrogativa com constituinte interrogativo em posição final (cf. (28)) e um caso de interrogativa com o sujeito em posição pré-verbal (QSV; cf. (29)).

(28) Envergonhar-me **de quê?** (19TMPa)

	P^M	P^{M+1}	P^F
(28a)	envergonhar	me	de quê

(29) O que **tu** estás a dizer, Chiquinha? (19TMPb)

	P^I	P^{I+1}	P^M	P^{pós}
(29a)	o que	tu	estás a dizer	Chiquinha

A possibilidade de antepor o sujeito nas Interrogativas de Conteúdo, fenômeno que atinge também as declarativas do PB na passagem do século XIX para o XX, faz com que a margem esquerda da oração fique ocupada por dois constituintes marcados pragmaticamente: o constituinte interrogativo focal, posicionado em P^I, e o Sujeito tópico, posicionado em P^{I+1}, o que descaracteriza a tendência em se equilibrar, na disposição linear na oração, os constituintes marcados pragmaticamente (cf. (29)).

Autores como Berlinck (1989) e Pezatti e Camacho (1997) já atestam, na história do PB, a mudança na disposição linear do sujeito em sentenças declarativas. Berlinck (1989) mostra que, do século XVIII para o XX, há a diminuição de ocorrência de V SN, ou seja, da posposição do Sujeito e, por oposição, o aumento de SN V, ou seja, da anteposição do Sujeito. Para a autora, há um enrijecimento da ordem SV que passa a dominar aos poucos os contextos antes divididos com VS. Por trás da mudança nas sentenças declarativas, Berlinck (1989, p. 98) acredita que “a linha central desse processo se caracteriza pela passagem de uma orientação funcional para uma formal”, isto é, enquanto, primeiramente, a posição do SN era determinada por uma função discursiva, especificamente pelo estatuto informacional, num segundo momento, um fator de ordem formal se fortalece e assume tal papel: a natureza do verbo.

Já Pezatti e Camacho (1997) defendem que o PB é uma língua de ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), derivada diacronicamente do padrão P1 VSO, com colocação de sujeito em P1, de acordo com os princípios de ordenação PE4 e PE5, apresentados em Dik (1997a). PE4 prevê uma posição inicial P1 universalmente relevante, usada para propósitos especiais, incluindo a colocação de constituintes com função de Tópico ou Foco. De acordo com PE5, o Sujeito frequentemente ocupa a posição P1, uma vez que é o candidato primário a Tópico. Isso leva à reinterpretação de P1 como posição não-marcada para o sujeito. Esse processo de reinterpretação produz um novo padrão SVO e desencadeia a criação de uma nova posição P1, já que essa posição é universalmente relevante, resultando então o padrão P1 SV(O) (cf. (30)).

(30) hoje isso não existe (cf. PEZATTI; CAMACHO, 1997, p. 203)

P1 S V

Em estruturas interrogativas, essa possibilidade de se posicionar o Sujeito tópico no campo inicial da oração faz com que ele se posponha ao constituinte interrogativo, preenchendo assim o campo inicial da oração (cf. (31)). No século XIX, portanto, o PB, tanto em sentenças declarativas, como em interrogativas, passa a permitir que o campo inicial, isto é, a periferia direita da oração abrigue mais de um constituinte marcado pragmaticamente com as funções de Tópico ou Foco. As interrogativas com constituinte interrogativo em posição final, dessa forma, além de uma estratégia de ênfase, surgem

como uma maneira de reestabelecer o equilíbrio entre as margens da oração: sujeito tópico em P^I; constituinte interrogativo foco em P^F (cf. (32)).

(31) **O que os senhores** pretendem? (20TDGc)

(31a)	P^I	P^{I+1}	P^M
	o que	os senhores	pretendem
	Foco	Tópico	
	Q	S	V
	P^I		P^M

(32) E tudo isso leva **a quê?** (20TDGc)

(32a)	P^{pré}	P^I	P^M	P^F
	e	tudo isso	leva	a quê
		Tópico		Foco
		S	V	Q
		P^I	P^M	P^F

O uso de interrogativas de conteúdo com o constituinte interrogativo em posição final, ao longo dos séculos XIX e XX, expande seus contextos de uso. No século XIX, as interrogativas com o constituinte interrogativo em posição final ocorrem com verbos não-finitos, especificamente no infinitivo (cf. (33)), ou com verbos finitos com sujeito nulo (cf. (34)).

(33) Eusébio. - **Fazê o quê?** (19TAAa)

(34) Tribofe. - **Brigou por quê?**... Isso em família é feio... (19TAAa)

No século XX, elas mantêm sua ocorrência com verbos não-finitos no infinitivo (cf. (35)) e verbos finitos com Sujeito nulo (cf. (37)), porém passam a ocorrer com outros dois contextos morfossintáticos: verbos não-finitos no gerúndio (cf. (36)) e verbos finitos com Sujeito expresso e posicionado no campo inicial da oração, especificamente em P^I (cf. (38)).

(35) Agir **como?** (20TDGa)

(36) Devendo **o quê?**! (20TDGa)

(37) Tava **onde?** (20TDGc)

(38) Você vai **pra onde?** (20TDGa)

	P^I	P^M	P^F
(38a)	você	vai	pra onde

É esse último contexto que evidencia bem como a possibilidade de se posicionar o constituinte interrogativo em posição final resgata o equilíbrio entre as margens da oração ao posicionar o Sujeito, com função pragmática de Tópico, no campo inicial ou margem esquerda da oração. Exemplos como em (38), nos dados analisados, só são encontrados na segunda metade do século XX, momento em que, conforme aponta Berlink (1989), a ordem SV se enrijece no PB.

Portanto, pode-se visualizar o seguinte caminho de mudança envolvendo a ordenação de constituintes em sentenças interrogativa do PB:

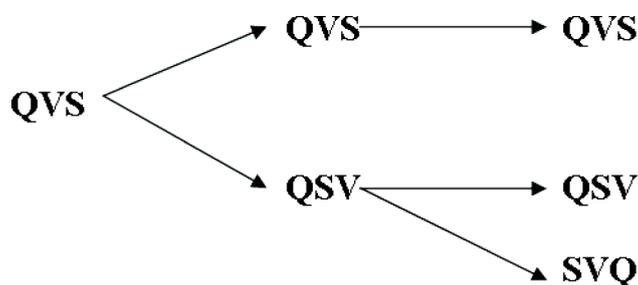


Figura 07: Mudanças nos padrões de ordenação das Interrogativas de Conteúdo no PB

Considerações finais

Este estudo, visando a analisar a disposição linear do constituinte interrogativa e do sujeito em Interrogativas de Conteúdo do PB, primeiramente, determinou a natureza pragmática de cada constituinte.

O constituinte interrogativo corresponde, no Nível Interpessoal, a um Subato Referencial ao qual se atribui a função pragmática de Foco; tal natureza focal licencia seu posicionamento no campo inicial ou final da oração, sendo que, no campo final, ao Subato interrogativo, aplica-se o operador enfático, codificado fonologicamente, no Nível Fonológico, por meio de um acento tônico. Por sua vez, o sujeito, quando expresso, corresponde a expressões de uso dêitico ou fórico, o que mostra a sua natureza tópica, ou melhor, no Nível Interpessoal, corresponde a um Subato Referencial ao qual se atribui função pragmática de Tópico; tal natureza tópica licencia seu posicionamento no campo final da oração ou no campo inicial, seguindo o constituinte interrogativo.

Quanto à história desses mecanismos de estruturação das Interrogativas de Conteúdo, mostrou-se que a possibilidade de posicionar o constituinte interrogativo no campo final da oração decorre da mudança na ordenação do Sujeito, que deixa de pospor o Verbo e, assim, ocupar o campo final da oração para antepor-se a ele e, assim, ocupar o campo inicial da oração. Essa necessidade de o constituinte interrogativo ir para o campo final da oração configura uma estratégia de se equilibrar as margens da oração quanto aos constituintes marcados pragmaticamente, ou seja, há uma tendência, no PB, de se distribuir os constituintes marcados pragmaticamente entre as duas margens da oração de forma que uma não abrigue dois ou mais constituintes salientes.

REFERÊNCIAS

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

_____. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

BERLINCK, R. A. A construção V+SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-111.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In: LI, C. (Org.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 26-55.

HANNAY, M. The focus function in functional grammar: questions of contrast and context. In: DIK, S. C. (Org.). *Advances in functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1983. p. 207-223.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LONGHIN, S. R. *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 191-214, 1997.

PEZATTI, E. G.; FONTES, M. G. As interrogativas de conteúdo nas variedades do português falado. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 171-197, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no processamento da informação. In: JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 167-215.